Ambiente
Gestão & Desenvolvimento
ISSN 1981-4127

Entre o isolamento e a memória: a recriação comunitária em “Los pobladores”

Entre el aislamiento y la memoria: la recreación comunitaria en “Los pobladores”

DOI: https://doi.org/10.24979/ambiente.v19i2.1883
Submissão: 02/10/26
Aprovação: 05/11/26

Carlos Daniel Palacio Veracierta
https://orcid.org/0009-0004-3559-7940
Tatiana da Silva Capaverde
https://orcid.org/0000-0002-7826-7640

RESUMO

O presente trabalho tem como foco a análise do conto “Los pobladores” (2014, 2025) de Carolina Lozada, autora venezuelana, com o fim de observar as relações de pertencimento coletivo em uma comunidade em isolamento. Para isso, busca-se por meio de uma análise qualitativa, fundamentada nos conceitos abaixo citados, mostrar como o medo coletivo, a ruptura dos vínculos comunitários e a retração do espaço social configuram formas simbólicas de desenraizamento que ultrapassam a mobilidade territorial. O referencial teórico está composto pelos conceitos de memória coletiva (Halbwachs, 2013), memoria e identidade (Pollak, 1992), metaficção (Waugh, 1984), exilio (Bachelard, 2008), *insilio* (Capaverde, 2025) e simulacro (Baudrilland, 1991), permitindo compreender a narrativa como espaço de elaboração simbólica de experiências de crise e deslocamento. A análise evidencia que o conto constrói uma alegoria do colapso comunitário por meio da transformação do espaço doméstico em território de vigilância e isolamento, no qual a perda do pertencimento produz sujeitos simbolicamente desterritorializados em sua própria terra. Nesse

ISSN 1981-4127

contexto, a memória e a recriação ou simulação ficcional operam como estratégias de resistência frente ao apagamento social, convertendo a narrativa breve em dispositivo de preservação da experiência coletiva.

Palavras-chave: *Insilio.* Deslocamentos. Memória. Simulacro. Literatura venezuelana.

ABSTRACT / RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar el cuento “Los pobladores” (2014, 2025), de Carolina Lozada, autora venezolana, con el fin de observar las relaciones de pertenencia colectiva en una comunidad en aislamiento. Para ello, se busca, mediante un análisis cualitativo fundamentado en los conceptos que sustentan esta investigación, mostrar cómo el miedo colectivo, la ruptura de los vínculos comunitarios y la retracción del espacio social configuran formas simbólicas de desarraigo que trascienden la movilidad territorial. El marco teórico está compuesto por los conceptos de memoria colectiva (Halbwachs, 2013), memoria e identidad (Pollak, 1992), metaficción (Waugh, 1984), exilio (Bachelard, 2008), *insilio* (Capaverde, 2025) y simulacro (Baudrilland, 1991), lo que permite comprender la narrativa como un espacio de elaboración simbólica de experiencias de crisis y desplazamiento. El análisis evidencia que el cuento construye una alegoría del colapso comunitario mediante la transformación del espacio doméstico en un territorio de vigilancia y aislamiento, en el que la pérdida del sentido de pertenencia produce sujetos simbólicamente desterritorializados en su propia tierra. En este contexto, la memoria y la recreación o simulación ficcional operan como estrategias de resistencia frente al borramiento social, convirtiendo la narrativa breve en un dispositivo de preservación de la experiencia colectiva.

Palabras claves: Insilio. Desplazamientos. Memoria. Simulacro. Literatura Venezolana.

1 Introdução

Carolina Lozada (Valera, 1974) é uma das vozes mais instigantes da atualidade. Possui mestrado em Filosofia e Licenciada em Letras, com uma carreira laureada, incluindo o Prêmio Anual de Cuento do Jornal **El Nacional** (2014). Sua produção, que abrange obras como **El cuarto del loco** (2014, edição digital de 2025) e **Todo es lo que parece** (2023), destaca-se pela capacidade de converter o espaço doméstico e comunitário em locais de estranhamento e resistência, o que transforma suas narrativas em uma literatura que investiga as fraturas do cotidiano.

ISSN 1981-4127

A abordagem literária na obra da Carolina Lozada dialoga diretamente com a realidade sociopolítica venezuelana contemporânea, marcada por crises sucessivas que impactam profundamente a experiência cotidiana dos sujeitos que procuram superar os conflitos diários. Como analisa Mora Salas (2020), apesar das adversidades, o venezuelano que resiste desenvolveu uma ampla capacidade de luta e defesa de seus direitos, aprendendo, muitas vezes, na prática e a um alto custo, formas de exercer sua cidadania e de sobreviver em meio à instabilidade. Trata-se de um processo que envolve risco, resistência e a construção diária da esperança, sustentada por bases pessoais e sociofamiliares, constantemente fragilizadas. Assim a escrita da Lozada destaca a importância de observar as marcas deixadas por esses acontecimentos no imaginário coletivo, bem como os modos pelos quais a sociedade elabora, registra ou silencia tais experiências.

O conto "Los pobladores", publicado na obra **El cuarto del loco** (2025), tem como espaço narrativo o povoado de San Mateo, onde o rumor de uma ocupação iminente instaura uma paranoia coletiva que desintegra os laços sociais. Através de uma voz narrativa feminina, o conto expõe a vulnerabilidade de uma comunidade diversa, composta por diferentes configurações familiares e orientações sexuais, diante do medo do outro. O conto organiza-se a partir de uma progressiva contração do espaço comunitário, que passa do convívio aberto à clausura doméstica, acompanhada por um ritmo narrativo marcado pela suspensão temporal. Essa desaceleração da ação, associada à focalização íntima da narradora, produz um efeito de imobilidade que materializa literariamente a experiência do isolamento.

Tendo como base essa trama narrativa, podemos observar como a reorganização espacial e comunitária é retratada na obra após a instalação de um perigo eminente e como a recriação do povoado através da memória se apresenta na trama como recurso metaficcional de sobrevivência frente ao isolamento e ao medo.

2 Os espaços comunitários e a memória diante do desconhecido

No início do conto, San Mateo aparece como um espaço comunitário construído sobre as bases da convivência entre os moradores, o que gerava memorias coletivas e sentimento de pertencimento comuns. A

ISSN 1981-4127

comunidade era composta por um grupo de indivíduos conectados por experiências, práticas e sentidos compartilhados. Como afirma Maurice Blanchot (2013, p. 18), a comunidade "parece se oferecer como uma tendência a uma comunhão", isto é, como um espaço de reconhecimento mútuo e convivência coletiva, em que são construídos vínculos afetivos estabelecidos no cotidiano. Porém, com a ameaça da ocupação e o crescimento das incertezas, há uma quebra na harmonia estabelecida e os vínculos sociais começam a se enfraquecer. Essa mudança aparece claramente quando a narradora afirma que "Los últimos eventos nos habían convertido en vecinos desconfiados unos de otros. Empezaron a vivir a puertas cerradas" (Lozada, 2025, p. 65). O fechamento das portas simboliza também o fechamento dos próprios sujeitos, que passam a enxergar o outro não mais como parte da comunidade, mas como uma possível ameaça.

Essa transformação retratada na obra dialoga com as reflexões de Esposito (2010), para quem a comunidade entra em crise quando os indivíduos sacrificam a convivência em nome da própria sobrevivência. Isto é muito relevante, já que em "Los pobladores", o medo coletivo leva os habitantes a romperem os laços de solidariedade que sustentavam a vida em San Mateo. O medo do contágio e do desconhecido faz com que a comunidade abandone qualquer gesto de acolhimento, revelando como a autopreservação pode produzir exclusão e violência. Da mesma forma, Jean-Luc Nancy (2016) discute o quanto uma comunidade pode ser inoperante, já que não se constrói a partir de uma unidade perfeita ou estável, mas justamente na relação com o outro, com a vulnerabilidade e com a consciência da finitude: "A comunidade não assume o lugar da finitude que ela expõe. Ela é ela mesma, em suma, tão somente essa exposição" (Nancy, 2016, p. 58). No conto, a morte, os desaparecimentos e o isolamento revelam a fragilidade das relações humanas diante da crise. Ainda assim, mesmo profundamente fragmentada, a comunidade perdida continua sendo mantida, mesmo que de forma simulada, através da memória e das tentativas de reconstrução realizadas pelos protagonistas.

O espaço também opera como elemento significativo na materialização simbólica dessa falência comunitária, pois o conto retrata como o isolamento modifica a relação dos personagens com o espaço em

ISSN 1981-4127

que vivem. A construção do muro por Raúl e Gilberto é um exemplo que representa, de maneira simbólica, esse afastamento extremo: “Raúl y Gilberto en su enloquecido intento de aislarse de la fatalidad que nos cercaba, no se conformaron con construir el muro hasta la altura máxima de su casa, sino que fueron yendo cada vez más allá, poniendo piedras sobre piedras en un interminable muro que acabó tapiándolos de cualquier asomo del afuera” (Lozada, 2025, p. 66).

Ao abordar o tema das relações espaciais, é importante levar em consideração que o espaço não se limita apenas a uma dimensão física ou externa, mas também corresponde a algo vivido internamente pelos sujeitos, atravessado pela memória, pelos afetos e pelas experiências de convivência. A partir dos estudos de Gaston Bachelard (2008), percebemos que a divisão entre interior e exterior não é rígida, pois os espaços habitados também são construídos pela imaginação e pelas experiências emocionais. Como afirma o teórico, a casa, isto é, o espaço íntimo que compartilhamos, é “um verdadeiro cosmos” e “o nosso primeiro universo” (Bachelard, 2008, p. 24), funcionando como lugar de proteção, pertencimento e construção das lembranças. Em “Los pobladores”, entretanto, esse espaço íntimo deixa de representar abrigo e segurança, transformando-se progressivamente em um ambiente marcado pelo medo, pelo isolamento e pela ruptura das relações humanas.

Dessa forma, a casa, que antes poderia ser vista como lugar de convivência e proteção, passa a funcionar como espaço de clausura e vigilância. Da mesma forma, podemos interpretar que o povoado, como espaço comunitário, deixa de ser um lugar de pertencimento para transforma-se em um território marcado pelo medo, pela retração das relações sociais, como expressado no conto:

> Sin embargo, de repente todo se cortó, ya nadie venía a visitarnos. Fue como si de pronto nos hubiéramos quedado aislados en medio de la nada. Los días se volvieron un letargo, los pobladores ociosos se preguntaban por la ocupación: ¿rusos?, ¿terroristas?, ¿yanquis?, ¿comunistas? Teníamos que conformarnos con las suposiciones porque nada nos llegaba del otro lado, ni la mínima información (Lozada, 2025, p. 63).

ISSN 1981-4127

Através dessa passagem, notamos que o isolamento não se configura apenas como efeito circunstancial da ameaça externa, mas como um mecanismo social que reorganiza as práticas de convivência e redefine o sentido do pertencimento. A narrativa apresenta uma comunidade progressivamente tomada pelo pânico, o que resulta na ruptura dos vínculos sociais e na emergência de comportamentos extremos. A atmosfera decadente do conto, marcada por personagens imobilizados e "congelados no tempo", funciona como uma alegoria das crises sociais contemporâneas, nas quais o medo passa a orientar as ações individuais e coletivas, corroendo valores comunitários e éticos, como se percebe na passagem: "Empezamos a vivir a puertas cerradas, se acabó la cordialidad en nuestra comunidad" (Lozada, 2025, p.65).

Essa experiência de retração e ruptura dos vínculos também pode ser pensada como uma experiência de *insilio* ou exilio interior. Conforme discute Tatiana da Silva Capaverde (2025), o *insilio* ocorre quando personagens vivem uma desconexão com a terra natal mesmo nela habitando. Por exemplo, a espera constante por notícias dos que migraram, a acumulação de despedidas e ausências e a progressiva perda do sentido de pertencimento, violências e medos conduzindo ao silêncio e à imobilidade como formas de existência, são situações muitas vezes retratadas na literatura da Venezuela que tematizam as diferentes formas de relação com o território, inclusive daqueles sujeitos que, frente a crise migratória, permanecem no país.

A discussão sobre o *insilio* parte das reflexões de Edward Said (2003) acerca do exílio que, segundo o autor, é uma experiência profundamente dolorosa, marcada por uma ruptura difícil de reparar: "o exílio é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar" (Said, 2003, p. 46), ou seja, não se trata apenas da fratura causada por estar longe de casa, mas de carregar um sentimento constante de perda e de não pertencimento, por isso o *insilio* também é marcado pelo trauma, mas nesse caso marcado pela imobilidade. Assim, o conceito de *insilio* nos ajuda a compreender formas de deslocamento que não se caracterizam necessariamente pela travessia das fronteiras físicas, mas que, da mesma forma, produzem um profundo desenraizamento simbólico e social. Mesmo atreves da imobilidade, o *insilio* se configura como uma experiência paradoxal, como explica Capaverde (2025), "aunque el individuo permanezca

ISSN 1981-4127

físicamente en su país, se convierte en un extranjero en su propia tierra, privado de plenos derechos de expresión y participación social" (Capaverde, 2025, p. 118).

Diferentemente do exílio externo, no qual o sujeito é compelido a reconstruir sua identidade em um novo espaço, o *insiliado* enfrenta uma identidade interdita dentro do próprio território, marcada pelo silenciamento, pela vigilância e pelo medo da suspensão do pertencimento, o que é retratado no trecho da obra que mostra a angustia e o medo dos personagens "Las sensaciones encontradas se nos agolparon a la altura del pecho y los silenciosos soldados presenciaron nuestro llanto y escucharon nuestro renovado juramento: nunca nos sacarán de San Mateo" (Lozada, 2025, p. 67).

A tentativa de manutenção dos vínculos aparece de forma muito evidente em diferentes momentos da narrativa, já que os personagens não saem fisicamente do lugar, o que não impede que haja uma progressiva suspensão dos laços identitários e comunitários. O trecho "Fue como si de pronto nos hubiéramos quedado aislados en medio de la nada..." (Lozada, 2025, p. 63) mostra como a comunidade passa a viver o isolamento, o medo e a quebra das relações. Isso nos ajuda a entender o *insilio* como uma forma de exílio interno, em que o sujeito permanece no seu espaço, mas já não se sente parte dele. Assim, o espaço deixa de ser acolhedor e passa a ser marcado pelo estranhamento e pela insegurança.

Diante da dissolução desse espaço relacional, a memória surge como a última opção capaz de conectar os sujeitos às suas raízes e aos vizinhos que já não estão presentes. Mais do que uma simples lembrança do passado, ela assume uma função ativa de preservação da identidade coletiva, permitindo que aquilo que foi perdido continue existindo simbolicamente. Nesse sentido, a memória torna-se uma estratégia de resistência ao apagamento da comunidade, pois possibilita a reconstrução dos laços sociais por meio das lembranças e da recriação dos indivíduos ausentes, como se observa no conto: "Y fue así como empezamos a habitar de nuevo a San Mateo, día a día tallábamos a cada uno de nuestros antiguos y queridos vecinos, guiándonos por los recuerdos y las imágenes fotográficas, labrando la mejor pose de cada uno" (Lozada, 2025, p.69).

ISSN 1981-4127

A construção de bonecos de madeira que, gradualmente, substituem os habitantes desaparecidos foi uma estratégia usada pelo personagem Antônio para preencher as ausências. Como se observa no trecho: "Ahí estaba, un pequeño Martín hecho de cuerpo, alma y corazón de madera. Mi esposo había cuidado todos los detalles, hasta la cicatriz en el mentón, la que se hizo mientras jugaba entre los árboles" (Lozada, 2025, p. 69). Dessa forma, o conto transforma a memória e a ficção em formas simbólicas de resistência diante do medo, da solidão e do colapso comunitário. Conforme Esposito (2010), é a memória que permite ao sujeito construir continuidade para sua existência e reorganizar suas experiências diante da fragmentação da vida coletiva. No conto, isso aparece quando Antonio e a narradora começam a reconstruir os antigos moradores por meio de esculturas de madeira, guiados "por los recuerdos y las imágenes fotográficas" (Lozada, 2025, p. 69). A recriação simulada dos habitantes de San Mateo revela uma tentativa de resistir ao desaparecimento da comunidade e ao apagamento das experiências compartilhadas. Mais do que simples lembranças, essas figuras representam a necessidade de manter vivos os vínculos afetivos e a memória coletiva do povoado.

Neste processo, o ato da reconstrução física dos antigos moradores, realizado pelos protagonistas que ainda viviam no povoado, assume uma dimensão metaficcional, uma vez que os sobreviventes assumem uma função semelhante à do próprio escritor: isto é, recriam, a partir de fragmentos da memória, uma realidade que não existe mais. A memória deixa de ser apenas recordação e passa a atuar como instrumento de criação, permitindo que os sujeitos reescrevam simbolicamente sua comunidade e enfrentem a perda provocada pelo esvaziamento do povoado. Dessa forma, o conto evidencia como a arte pode transformar a ausência em narrativa e elaborar simbolicamente os traumas produzidos pelas rupturas sociais contemporâneas.

A recriação dos habitantes evidencia o papel da memória na reconstrução simbólica da comunidade após a ruptura do espaço social. A prática de esculpir as figuras de madeira não expressa apenas um gesto individual de perda, mas um esforço de preservar vínculos coletivos que já não podem existir no plano concreto. A comunidade passa a sobreviver naquilo que é lembrado e reconfigurado. Nessa perspectiva, a

ISSN 1981-4127

memória funciona como forma de permanência diante do deslocamento e do desaparecimento. Conforme observa Michael Pollak, em seu artigo "Memoria e identidade social" (1992), a memória não é um fenômeno exclusivamente individual, mas um processo social construído na relação com o outro e constantemente sujeito a transformações e reinterpretações. O autor destaca ainda a existência de "lugares de memória", espaços que permanecem simbolicamente ligados às experiências coletivas mesmo quando sua materialidade se perde. Halbwachs (2013) também afirma que a memória não é um exercício isolado do indivíduo, mas um processo construído no interior dos grupos sociais, de modo que toda lembrança individual constitui apenas um ponto de vista particular sobre uma memória essencialmente coletiva. Assim, a narrativa mobiliza mecanismos que remetem ao *détour*, entendido como desvio narrativo por meio do qual se preservam experiências, afetos e identidades ameaçadas pelo deslocamento (Carreira; Oliveira, 2018). No conto, o povoado de San Mateo transforma-se justamente nesse desvio simbólico, preservado não pela continuidade da vida social, mas pela força da lembrança que resiste ao apagamento (Pollak, 1992).

Dessa forma, podemos entender a reescrita da realidade através de personagens de madeira configura o exercício metaficcional, em que a arte tenta restaurar a memória de um povoado extinto. Ao final, a recriação do próprio filho e da vila inteira em madeira simboliza o deslocamento definitivo da vida orgânica para a permanência estática da memória ficcionalizada. Essa tentativa de preservar a comunidade por meio de formas artificiais de presença aproxima o conto de uma tradição literária latino-americana que problematiza a relação entre representação, memória e existência. Para citar uma obra emblemática que desenvolve esse tema, podemos destacar **La invención de Morel** (1940), de Adolfo Bioy Casares, em que a reprodução técnica dos indivíduos permite sua permanência indefinida no tempo, mas ao custo da própria vida orgânica, instaurando um universo composto por presenças fixadas e reiteradas artificialmente. Conforme afirma Patricia Waugh (1984), a metaficção caracteriza-se por questionar as relações entre ficção e realidade, evidenciando o caráter construído da narrativa. De modo semelhante, em "Los Pobladores", a recriação dos habitantes em madeira não restitui a comunidade enquanto experiência viva, mas a conserva

ISSN 1981-4127

como memória materializada, revelando a tensão entre permanência simbólica e desaparecimento histórico que estrutura a dimensão metaficcional da narrativa.

A recriação dos habitantes em madeira são, portanto, simulacros de uma realidade perdida. A partir da noção de simulacro desenvolvida por Jean Baudrillard, em **Simulacros e Simulação** (1991), a representação deixa de funcionar apenas como reflexo do real e passa a constituir uma nova realidade autônoma própria. Os bonecos criados por Antônio inicialmente surgem como tentativa de preservar a lembrança dos habitantes desaparecidos; entretanto, na medida que a comunidade real desaparece e os personagens já não conseguem reconhecer ou aceitar a realidade em que vivem, esses bonecos deixam de atuar apenas como recordações materiais e passam a ocupar o lugar dos próprios sujeitos ausentes na família do Antonio. A memória, portanto, deixa de operar somente como recuperação do passado e converte-se em mecanismo de produção simbólica de uma nova forma de existência comunitária.

Essa discussão também aproxima o conto de questões ligadas à ficção científica contemporânea. Baudrillard (1991) afirma que a ficção científica tradicional estava associada aos "simulacros produtivos", constituindo-se como projeção ampliada das possibilidades do mundo real; contudo, na era da hiper-realidade, essa lógica se transforma, pois "já não é possível partir do real e fabricar o irreal" (Baudrillard, 1991, p.154). Assim, o processo assume uma lógica inversa: são produzidos modelos simulados que passam a assumir o lugar do próprio real. Em "Los Pobladores", Antônio e sua esposa não recriam San Mateo apenas para representar a comunidade perdida; eles constroem uma realidade alternativa sustentada pela memória e pela repetição material das presenças ausentes.

Nesse sentido, a reconstrução dos moradores em madeira evidencia uma tensão entre preservação e substituição. Como observa Baudrillard, na lógica da simulação "é o real que se torna álibi do modelo, num universo regido pelo princípio de simulação" (1991, p.153). Assim, a comunidade reconstruída não restaura integralmente aquilo que foi perdido, mas produz uma permanência simbólica na qual a memória resiste ao apagamento coletivo, ao mesmo tempo em que recria uma nova configuração do real.

ISSN 1981-4127

3 Considerações finais

A análise de “Los Pobladores” permitiu compreender que o deslocamento não se manifesta apenas por meio do deslocamento físico, mas também através da ruptura dos vínculos sociais, da perda do pertencimento e da transformação dos espaços que antes davam sentido a uma vida coletiva. Dessa forma, indivíduos transformam seus lares em refúgios ou em verdadeiras prisões, configurando novas formas de *insilio* que perpetuam o sentimento de desarraigo mesmo sem o cruzamento de fronteiras internacionais (Capaverde, 2025).

Nesse contexto, o deslocamento não se limita à mobilidade territorial, mas assume a forma de um processo simbólico e interior, no qual a ruptura do espaço de pertencimento provoca conflitos identitários e a dissolução das relações de sociabilidade. Conforme apontam Carreira e Oliveira (2018), o deslocamento cultural, recorrente na literatura contemporânea, também corresponde a um movimento interno que associa a reconstrução da identidade à experiência da diferença e da alteridade. Em “Los Pobladores”, esse processo se revela quando a convivência com o outro se rompe e os sujeitos, tomados pelo medo, passam a se fechar em si mesmos, recuando para um estado de delírio que enfraquece o espaço de pertencimento coletivo e corrói, pouco a pouco, os laços que sustentavam a vida em comunidade.

Carolina Lozada, ao retratar uma comunidade marcada pelo medo, pelo isolamento e pelo desaparecimento gradual de seus habitantes, constrói uma narrativa que reflete experiências vividas por muitos sujeitos na América Latina, em especial aqueles que enfrentam a crise venezuelana e compartilham o desenraizamento com milhares de pessoas. Já em uma perspectiva mais abrangente, podemos afirmar que, historicamente, essa experiência faz parte do cotidiano dos latino-americanos e revela que os deslocamentos envolvem não apenas a mudança de território, mas também a necessidade de preservar memórias, afetos e identidades. Muitas vezes, aquilo que se busca recuperar não são apenas os lugares ou as pessoas deixadas para trás, mas os sentimentos, as experiências e os modos de vida associados a eles. Desta forma, a recriação

ISSN 1981-4127

dos habitantes de San Mateo por meio da memória simboliza a tentativa de manter viva uma comunidade que já não pode existir da mesma forma, o que, necessariamente resulta na criação simulada de uma nova realidade.

Através dessa abordagem temática e sua potência simbólica, o conto evidencia que a memória pode atuar como uma estratégia de resistência diante do apagamento social e da perda dos espaços de pertencimento, seja através da manutenção ou de sua simulação. Ao transformar a ausência em narrativa e a lembrança em forma de permanência, a obra demonstra como a literatura é capaz de preservar experiências humanas que, de outra maneira, poderiam ser esquecidas.

Declaração de uso de Inteligência Artificial Generativa

Para a elaboração deste trabalho, foi utilizada a ferramenta ChatGPT, da empresa OpenAI, como recurso de apoio à revisão textual, à organização das ideias e ao aprimoramento da estrutura do texto. A ferramenta não foi utilizada como substituta da leitura da obra literária, da seleção das referências teóricas ou da interpretação realizada pelos autores. Os autores permanecem integralmente responsáveis pela autoria, veracidade, integridade, análise, referências e conteúdo final do trabalho.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUDRILLARD, **Jean. Simulacros e simulação.** Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Brasília: UNB, 2013.

CAPAVERDE, Tatiana da Silva (org.). **Conceptos clave para los estudios de la literatura venezolana actual**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2025.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes; OLIVEIRA, Paulo César Silva de. Escritas migrantes: deslocamento e identidade na narrativa brasileira contemporânea. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, 2018.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: The origin and destiny of community**. Stanford: Stanford University Press, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

ISSN 1981-4127

LOZADA, Carolina. Los pobladores. In: LOZADA, Carolina. **El cuarto del loco.** Mérida: El Número Yo Ediciones, 2025. p. 62 – 69.

MORA SALAS, Leonor. Memoria social y literatura: escenas y personajes de la Venezuela contemporánea. **Athenea Digita**, v. 20, n. 1, e2262, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2262. Acesso em: 13 jan. 2026

NANCY, Jean-Luc. **A Comunidade Inoperada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46–60.

WAUGH, Patricia. **Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction.** London; New York: Routledge, 1984.